



### Seu nome aparece como candidata forte ao Senado, mas também se fala em concorrer ao governo. O que a senhora quer?

Quero poder contribuir com a cidade. Meu projeto é para a cidade, com a cidade. Não tenho a política por profissão. A política não é a minha profissão. Quero o que o grupo construir, ouvir a sociedade, saber no que posso contribuir, no que posso colaborar com o meu trabalho e, com um grupo político que se forma, colocar ali onde cada um pode ser fundamental. O mais importante é saber o que a sociedade quer, o que espera de mim, qual a contribuição que posso dar. É fruto de uma construção. Primeiro, de ouvir a sociedade e, segundo, de uma construção política de grupo. Um grupo que represente o que a população espera da gente. Aprendi muito nesse tempo. Já vivi, com Arruda, ainda quando governador, e com toda a experiência política que ele tem, toda a bagagem política, toda a história, todo conhecimento que ele tem, de um gestor e de uma pessoa que estuda muito. O legado político que ele deixou na cidade, de construção, de muita obra, de quem fez e deixou saúde na população. Esse é o lado que eu carrego. Foi isso que as pessoas depositaram em mim e que acho que, com o exercício do mandato, nesses quase quatro anos, pude demonstrar que tenho capacidade, que quero aprender, tenho o que oferecer para as pessoas.

### Nesse grupo a senhora põe o governador Ibaneis?

Fazemos parte de uma base, eu sou base. Mesmo estando aqui (no ministério), fiz tudo que pude, enquanto ministra de Estado, contribuí para o Distrito Federal. Fiz além do que podia, indo para os outros ministérios e pedindo tudo que fosse para Brasília. Nas políticas públicas que foram fundamentais, sempre pedi para ter Brasília como uma referência, no Auxílio Brasil, nas vacinas, em todos os projetos estruturantes do governo, investimento em obras, rodovias. Exerci meu papel como ministra, sem nunca ter deixado a minha ligação como parlamentar do Distrito Federal.

### Se Ibaneis está no grupo e é candidato à reeleição, é possível inferir que o seu papel vai ser mesmo na candidatura ao Senado?

A minha candidatura não será, de forma alguma, a governo. Ele é o nosso candidato à reeleição. O que eu posso disputar, a gente tem de construir, primeiro, ouvindo a população. Depois, uma construção.

### A senhora não descarta nada. Nem a reeleição?

Não descarto nada. Até em não ser nada (risos). Veja: a política dos próximos anos da capital passa muito por nós, que estamos hoje no cenário. Nós temos muitas pessoas jovens — respeitando, obviamente, todos que nos antecederam nessa na política local, como o governador Roriz, como o meu próprio marido, que ainda me ensina muito. Mas há uma renovação.

### Essa geração é que, na sua opinião, vai continuar liderando a política brasileira?

Sim. Passa por um grupo dessa geração e do qual eu acho que faço parte também.

### Entre esses jovens, aparece a possível candidatura de Reguffe. Vocês têm boa relação. Como enxerga a candidatura dele?

Reguffe também é uma pessoa jovem, mas que tem uma trajetória na política, tem trabalhado pela cidade. Acho que a gente podia construir juntos, sem distanciar nem dividir grupos. É nesse caminho que eu trabalho sempre. Para a gente, no diálogo, trazer todo mundo para o que é bom para Brasília. É não para a divisão. Nós temos muitos bons políticos, bons talentos, pessoas boas, que querem o bem para a cidade.



### A senhora não considera a política uma profissão. O que seria política então?

Política é transformação. É transformar a vida das pessoas. É você se dedicar, se doar, porque a política também é doação, é resignação, é renúncia. A gente abre mão de muita coisa da vida pessoal para a política.

### Isso é uma crítica aos políticos profissionais?

Não, não é o meu perfil. Não critico ninguém. Acho que cada um tem uma forma de conduzir as coisas. Para mim, foi uma construção. Eu nunca fui do tipo 'ah, eu quero ser política', mas sempre participei da política de alguma forma desde muito pequena, com meu pai, na distribuição de comida, arrecadando alimento para fazer sopa.

### Esse é o seu jeito de fazer política, talvez.

Sim, talvez uma política mais social, mais voltada para o próximo. A política só vale a pena quando a gente transforma a vida das pessoas. Não é para mim, é para os outros. E isso passa, também, pela renúncia. Política também é renúncia. Eu tenho duas filhas pequenas. Estar na política me tira do convívio delas. Então, ela priva a gente do convívio da família, do convívio social. Mas ela vale a pena quando a gente consegue transformar a vida das pessoas. Não é vaidade pessoal, porque eu sei, também, as dores que a política causa.

### Uma das bandeiras do seu mandato era a questão da violência contra a mulher? Vai levar a questão adiante?

É uma bandeira minha desde o início do meu mandato. Presidi a comissão de combate à violência contra a mulher. Agora, volto para a Câmara e, certamente, vou fazer parte dela. Isso sempre me provocou muito. Aprovamos, agora, um projeto de lei — do qual fui coautora —, que é o da violência institucional. Querria até ver, antes de sair (do ministério), se a gente conseguiria sancioná-lo. Esse projeto foi estruturado em cima daquele caso da Mariana Ferrer. Ela foi revitimizada o tempo todo. A mulher revive a violência nas delegacias, nos tribunais. O tempo todo você é desafiada: 'Não estava com um vestido curto demais?'

### A sua pauta sobre as mulheres, na verdade, é até mais ampla.

Sim. Defendo não só o combate à violência contra a mulher,

mas também o estímulo à participação dela na política e nos espaços de poder. A gente precisa dar a mão à outra, criar oportunidades, mostrar que, juntas, conseguimos fazer muito. Vamos acabar com essa conversa de que mulher não apoia mulher. A coisa mais bonita que a gente tem é a sororidade.

### O PL vai tentar reivindicar a Presidência da Câmara em 2023?

Isso passa por uma nova eleição, né? A gente pode chegar entre 65 e 75 parlamentares até o fim da janela partidária. É uma bancada forte. Temos hoje um líder do PL, Altineu Côrtes, que é um grande amigo e comandará essa transição com maestria. Mas reivindicar uma coisa na próxima eleição é muito prematuro e seria até leviano. A gente não sabe nem quem estará lá. Não sabemos qual será o tamanho da bancada, apesar de eu acreditar que qualquer decisão dentro do Congresso vai passar pelo PL.

### Mas muita gente vislumbra uma disputa interna no PL entre bolsonaristas "raiz" e a turma que já estava no partido. Como manter uma unidade interna?

Acho que o insucesso do PSL deve servir de lição. É o tipo de coisa que não dá certo. Rachar alas dentro de um mesmo partido só o torna mais fraco. Foi exatamente o que aconteceu com o antigo PSL. Mas não acredito que isso aconteça com o partido sob comando do presidente Valdemar Costa Neto, que é uma pessoa absolutamente do diálogo, da palavra, da construção.

### E aqui no DF? Quem vão ser os puxadores de voto?

A gente não consegue prever voto. São muitas variáveis. Há aqueles com mandato, que já disputaram a eleição, mas há, também, aqueles com potencial enorme. É claro que, no caso do PL, com a vinda da deputada Bia (Kicis), ela e eu temos mandato de deputada federal. Entre deputados distritais, há os que têm mandato e outros que estão vindos. Todos têm potencial.

### Alberto Fraga vem?

Ainda não tivemos uma conversa definitiva, mas acho que é o caminho mais natural. Fraga sempre esteve com a gente, sempre foi do mesmo campo, mas nós vamos conversar nos próximos dias.



### Não passa, então, pelas conversas do PL, ter um candidato próprio para o GDF?

Nos quadros do PL, temos gente para disputar qualquer vaga de majoritária ou de todas as proporcionais. Mas o PL, hoje, é base de governo do governador Ibaneis.

### O presidente Bolsonaro, segundo as últimas pesquisas, está em uma fase de ascensão no eleitoral. A que a senhora atribui isso?

Ao fim da pandemia. Todo mundo que está no mandato foi pego em cheio pela covid. Com o arrefecimento da pandemia, começam a aparecer coisas efetivas que foram feitas no governo, como o Auxílio Brasil. Antes era um tiquete médio de R\$ 190, agora é de R\$ 400. A população toda foi vacinada, não falta vacina. Um dos países que mais vacinaram foi o Brasil.

### Ele teve uma votação expressiva em Brasília. Acredita que vai se repetir? Enxerga isso nas ruas?

Enxergo. Estive quarta-feira num evento com cinco mil pessoas. À hora que eu citei o nome do presidente, ele foi ovacionado. Na sexta-feira, num evento que transfere a titularidade de terras da União e permite a regularização fundiária, ele também foi aplaudido. Independentemente de onde ele está, vejo essa grande aceitação dele nas ruas.

### Mas as pesquisas ainda apontam o ex-presidente Lula liderando.

Eu ainda não vi o ex-presidente Lula nas ruas. Então, não dá para avaliar a popularidade dele na rua. Obviamente, ele tem um recall político, mas ainda não vi o ex-presidente nas ruas. E o presidente Bolsonaro está diariamente. Também tem essa diferença: você está falando de um presidente em pleno exercício de mandato com tantos problemas enfrentados. Ele começou o governo com a tragédia de Brumadinho. Depois, teve seca, chuva demais, uma pandemia que abalou países enormes. Depois, a guerra. O presidente enfrentou coisas que, na História, acho que ninguém viveu isso com tanta intensidade e ao mesmo tempo.

### E temos a inflação de 10% ao ano.

A inflação é mundial. A gente está ainda entre os países com a menor inflação em vista dos outros do mundo. O que para nós pouco importa, porque a gente vive aqui, a gente não vive fora daqui, não é mesmo? Mas o

presidente trabalha para combater isso diariamente. Não é uma equação simples, porque não depende dele lá tomar uma decisão e acabou, né? Isso são fatores diversos. Então, temos o presidente Bolsonaro, no exercício do mandato, e o outro candidato, de fora, sendo a oposição, a criticar. Neste momento, está mais cômodo ser oposição do que estar no mandato.

### Há possibilidade de uma terceira via, ou a polarização é inevitável?

A eleição levará à polarização. Apesar de haver pessoas muito capacitadas — governadores, ex-governadores — e os que estão achando que vão resolver o mundo, a eleição passa por esses dois lados: o presidente Bolsonaro e o ex-presidente Lula. Esse é o cenário que vamos enfrentar.

### Isso não deixa o país dividido?

Deixa. Pessoalmente, não acho uma coisa boa, porque divide a população. Divide famílias, divide opiniões. Mas, infelizmente, é o que estamos vivendo.

### A senhora mencionou que seu trabalho aqui no Planalto foi de construir pontes, derrubar muros. Só que o país está claramente dividido, tende a repetir o que aconteceu em 2018. A política falhou?

A volta ao cenário político do ex-presidente Lula é que, talvez, tenha deixado esse cenário mais polarizado. A eleição do presidente Bolsonaro em 2018 era tida como improvável. Ele tem sido um presidente extremamente atacado desde o primeiro minuto, mas permanece com uma popularidade consolidada e caminhando para crescer cada dia mais. Acho que o que aconteceu foi isso: a viabilidade de um nome que estava fora da política (Lula) e a concretização e a permanência de um presidente de direita, de ideias diferentes. A História é feita de pêndulos. Acredito que, em algum momento, esse pêndulo volte um pouco mais para o centro, mas agora a gente está com essa polarização.

### Ao filiar-se ao PSB, Geraldo Alckmin disse que seria importante para a democracia. O presidente Bolsonaro ameaçou a democracia?

Eu nunca vi o presidente Bolsonaro dizer que ia interferir na imprensa, que não ia cumprir nenhuma decisão.

Nunca o vi querendo interferir no Congresso. Quando a gente fala de respeito à democracia, é de um presidente democraticamente eleito e tratando de todo o mandato dele dentro do cerne da democracia, do respeito à independência dos Poderes, dentro das quatro linhas da Constituição. A gente tem de lembrar sempre da independência dos Poderes. Questionar a legitimidade de alguma coisa é natural. Agora, invadir o poder... A gente tem uma Constituição muito clara. Temos três Poderes bem definidos: Executivo, Legislativo e Judiciário. Se cada um deles atuar dentro das suas atribuições, não vejo nenhum tipo de ameaça. O presidente foi eleito por um regime democrático, permanece nele, trabalha para ele. O que ele diz não é uma ameaça, mas, sim, uma demonstração de transparência das coisas. Como as coisas estão muito acirradas, esse discurso acaba se levantando até mesmo contra ele. Repito: o cerne da democracia é o respeito à independência dos Poderes.

### A senhora fica mais uma semana aqui no Planalto. Vai sentir falta dessa rotina?

(Risos) Meu Deus do céu... Sentir falta da rotina, não, porque a rotina de parlamentar e o processo pré-eleitoral também são muito intensos. Talvez, vá sentir falta das pessoas que estão aqui, dos amigos que fiz. Mas não vou, em momento algum, me desligar totalmente. Como parlamentar, esse canal de comunicação com o Executivo não deixa de existir. Não estou indo embora da cidade. Sou parlamentar de Brasília. Sentirei falta do convívio diário, mas vou continuar ajudando o presidente, agora, do outro lado da rua.

### O que é mais difícil neste período da campanha?

Até o dia 2, a questão mais difícil é a da janela partidária. A gente vai ter um trabalho muito grande na formação das nominatas, que são fundamentais para a eleição, e no diálogo com os outros partidos. Depois que a gente passa para o processo de pré-campanha, aí é hora de estar mais na rua. É hora, como falei no início, de ouvir as pessoas, entender a demanda, ver a realidade.

### A senhora se sente bem nesse momento?

Eu gosto. A minha vinda para cá me tirou um pouco dessa prática. Depois, a pandemia. A pandemia afastou a gente das pessoas. Eu estava toda sexta-feira em um restaurante comunitário, todo dia conversando. É a partir disso que a gente faz o mandato, é ouvindo as pessoas, sabendo qual é a necessidade. Eu não posso ficar trancada dentro do gabinete, ou do escritório, sem saber o que as pessoas precisam. Nunca perdi o meu olhar para o Distrito Federal. Agora, vou ter mais liberdade para ouvir as pessoas. O mandato não acabou, vou querer saber qual é o papel que a população espera de mim neste próximo pleito eleitoral.

### E se a população disser: 'A gente quer você governadora?'

Risos.

### Aos 42 anos, a senhora é deputada federal, primeira presidente da CMQ, ministra. Essa menina de Taguatinga imaginou alguma vez que chegaria aqui?

Essa menina de Taguatinga sempre foi muito batalhadora. Muito determinada e sempre disposta a ajudar o próximo. Mas nunca, nem nos meus maiores sonhos, imaginei chegar aonde cheguei. É acho que mostro para as meninas de Taguatinga, de Ceilândia, de Planaltina, de qualquer outro lugar que, acreditando, estudando, trabalhando, batalhando, elas podem chegar aonde elas quiserem.



**A minha candidatura não será, de forma alguma, a governo. Ele é o nosso candidato à reeleição. O que eu posso disputar, a gente tem de construir, primeiro, ouvindo a população"**

